

O AMBIENTE DE CIDADE COMO O LÓCUS PARA A ESCRITA DE SI

Doutoranda: Giuliana Conceição Almeida e Silva¹⁸

Resumo: Este estudo intenta refletir sobre o ambiente de cidades. A cidade de Cachoeira, Bahia é o espaço contido nas obras *Entre o rio e a praça* (2018) e *Migrantes* (2019) que se configuram na territorialidade dos sujeitos à medida que a exposição vai sendo apresentada. Diante do exposto, o problema apresentado nesta pesquisa é de que maneira o ambiente de cidades propicia a subjugação de corpos subalternizados? O objetivo apresentado é abordar na literatura de *Tianalva Silva* como os corpos femininos que vivem na periferia cachoeirana: putas, velhas, donas de casa, jovens, trabalhadoras, lésbicas e candobecista considerados como seres distópicos cachoeiranos, em que estão enrredadas por histórias, experiências e modos de vidas dos personagens. Diante do exposto, as narrativas da autora são possíveis de ser compreendidas no eixo da pesquisa qualitativa e bibliográfica com leituras que retratam a autofuncionalidade aos estudos do feminino de gênero e que são focos a serem produzidos no processo de análise, por meio do recorte crítico em Bhabha (2013), Bosi (2001); Cândido (2000); Chauí (1984-2012); Chimamanda (2015) (2015); Cunha (2001); Dalcastagnè (2008); Fiuza, Grecco (2020); Hooks (2018); Hool (2005); Huberman (2011); Jobim (1992); Lerner (2013); Richard (2002), Rosini (2014), Silva (2018-2019); Silva (2002). Deste modo, por

¹⁸ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. Paulo César Souza García. Endereço eletrônico: giuli_almeida@yahoo.com.br.

meio da Crítica Cultural, faz-se nas narrativas em *Tianalva Silva* atravessado de questionamentos e rupturas e subjetividades dos corpos narrados que se tornam presentes e viáveis à interpretação.

Palavras-Chave: Tianalva Silva. Cidade. Distopia.

INTRODUÇÃO

O presente estudo abordará o processo de formação da cidade de Cachoeira, município situado no território de Identidade do Recôncavo baiano e como esse processo influencia no processo de subjugação de corpos periféricos e no processo de autobiografia presente nas obras *Entre o rio e a praça* (2018) e *Migrantes* (2019) de autoria de *Tianalva Silva*. Para tal, apresentaremos aqui sobre o processo de formação humana e as consequências para a construção de uma sociedade coronelista patriarcal.

Outro ponto a ser tratado é a influência dessa sociedade construída no processo de escrita de si, presente em diversos contos de autoria e *Tianalva*, os quais estão representados os modos de vida e os processos de subjugação impostos aos corpos narrados nas obras. Para tal, utilizaremos a metodologia qualitativa e o estudo bibliográfico.

Nesse sentido, traremos à baila como o ambiente de cidades e seu processo de construção influenciam e povoam as vivências que dão corpo a escrita autobiográfica, em especial a de *Tianalva Silva*.

FORMAÇÃO DA CIDADE DE CACHOEIRA

O local onde vivemos, os contatos que estabelecemos com a natureza pessoas é o que nos dá a compreensão de lugar, construímos imagens mentais, visuais e sonoras que alimentam a

nossa memória ao longo de nossas vidas, contendo experiências concretas e abstrata de um território que chamamos de cidade. Segundo Rolnik:

Na cidade-escrita, habitar ganha uma dimensão completamente nova, uma vez que se fixa em uma memória que, ao contrário da lembrança, não se dissipa com a morte. Não são somente os textos que a cidade produz e contém (documentos, ordens, inventários) que fixam esta memória, a própria arquitetura urbana cumpre também este papel. (ROLNIK, 1988, p. 6)

Situada às margens do Rio Paraguaçu, no Recôncavo Baiano, surge a cidade de cachoeira, destinada a plantação de cana de açúcar, local de passagem para a passada para a Chapada Diamantina, posteriormente, destinada a produção de fumo e charutos. Essa cidade comunica diversos modos de utilização ao longo do tempo, configurando uma sociedade composta pela elite que dominava esses processos econômicos e os subalternizados compostas por negros, indígenas e mestiços.

Em um olhar sobre a Cachoeira observamos o resultado desse processo de ocupação no comportamento de seus habitantes, alimentos, vestuários, ritmos, gestos, linguagens que compõem a singularidade desse local rico de saberes e resistência, expressando a relação homem e cidade:

A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, à lembranças de experiências passadas. Transposta para os campos de uma fazenda, a Rua Washington poderia assemelhar-se à rua comercial do coração de Boston, mas ainda assim pareceria profundamente diferente do que é. Cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de

sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados. (LYNCH, 1960, p. 01).

É nessa relação de sentidos e vivências que resulta a escrita de *Tianalva* Silva, uma memória recheada de experiências retratando o vida de uma menina subalternizada, explorada por uma sociedade patriarcal.

A ESCRITA DE SI

O ato de falar sobre si e para tal fazer uso da memória, que de acordo com Bosi (2003): “A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo” Bosi (2003, p. 11).

Tianalva, conta as suas histórias de vida com maestria, mesmo que sua vida seja amarga, ela coloca pitadas de açúcar e nos presenteia com contos que nos fazem refletir sobre o quão a nossa sociedade ainda precisa se humanizar, respeitar o direito da criança e de todo o cidadão.

Ao escrever sobre ato de se autobiografar, arrisco-me a dizer que é um processo difícil falar das nossas dores, tocar nas nossas cicatrizes que estavam guardadas e, de certa forma, nos incomoda ou nos impulsiona a sempre nos superar. Essas vivências, nos fez perceber o quão as nossas narrativas importam, como ela nos molda e nos constrói. Sim, somos narrativas! E por isso nesse processo, o narrador faz um recorte, expondo apenas o que intenciona.

Ainda abordando narrativa que de acordo Momberger (2012)

[...] si constitui um dos lugares essenciais onde se constroem as biografias, ao mesmo tempo em que se apresenta como um meio de acesso privilegiado aos

processos de biografização. Nas cartas que as mulheres ditam para as escrevedoras, elas não tão somente dão informações, mas narram sobre si, refletindo sobre suas aprendizagens na pesquisa e dando enfoque a memória biográfica de si. (DELORY-MOMBERGER, 2012. p. 33)

Essas narrativas de si são como construção e identidade do ser humano, onde trago aqui um trecho, o conto *As amarguras de uma infância*, uma narrativa autobiográfica, presente no livro *Migrantes* (2019), que a autora fala de si, em um período de sua existência, onde a desventura foi sua companheira: “ ... A patroa me contratou para lavar roupa do recém-nascido, o que eu fazia com muito gosto. Em troca ganhava comida, roupa e sapatos usados. [...]as meninas me obrigavam a comer os restos dos lanches que elas cuspiam...” (SILVA,2019, p.32)

Nesse processo de construção da narrativa autobiográfica, salientamos a importância do lócus como fonte de aprendizagem e vivências que retroalimentam o imaginário:

Os humanos se constroem a partir dessa capacidade de fabular as próprias histórias, narrando-as e refletindo as aprendizagens construídas ao longo da vida. Assim, cada um vai tecendo sua história e se constituindo simbolicamente. Ao contar histórias de vida a pessoa se metaforiza e se recria por intermédio das lembranças e imagens que vão se formando do “eu” e das experiências vividas nos diversos contextos e situações. PEREIRA,2016. p. 9)

Na autobiografia, escrita por Tianalva, a autora aborda sobre o trabalho infantil, o qual foi vítima dessa prática exploratória que ainda assola o nosso país. Quem da nossa geração não ouviu ou presenciou comentários de convites realizados para meninas para morar na capital, em casa de família, em troca de estudo? Essa prática exploratória com um viés de dominação cordial, nunca empoderou menina alguma. Elas

trabalhavam tanto que viam no casamento uma forma de liberdade. Só conheci uma menina, que fez magistério trabalhando em casa de família e retornou para o seu interior, fez o concurso do estado e ensinou Matemática, por sinal, ela foi minha professora. Uma exceção dessa prática cruel de subjugação.

Tianalva não foi essa exceção, conheceu o trabalho braçal na infância em troca de roupas, sapatos usados e comidas. A criança encantada com o universo da elite cachoeirana, deixou-se subjugar. Sufocando os sonhos e enterrando as alegrias e peripécias que envolvem o mundo infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com avanço dos estudos e das pesquisas sobre os temas aqui abordados, espera-se documentar como a cultura e os modos de vida resultando do processo de formação de cidades, em especial, Cachoeira interferiu na vida dos personagens descritos por *Tianalva* em um cenário distópico, como também em sua própria vida.

Toda essa influência está registrada sobre o olhar autobiográfico da referida autora que recortou cenas, personagens e histórias que foram adaptadas pelo imaginário da autora e materializada pela escrita em folhas de papel, guardadas por anos e somente revelada ao mundo recentemente.

Com o estudo em conclusão, acredita-se que o material produzido por meio da Crítica Cultural com o auxílio das seguintes campos científicos: literário, sociológico e filosófico servirá como ferramenta para o entendimento desse processo de exclusão e silenciamento dos povos periféricos e subjugados do Recôncavo Baiano, que poderá servir como ferramenta para o entendimento da distopia para além de um campo imaginário,

refletir sobre a realidade e traçar estratégias para um possível futuro “utópico”.

Espera-se também com esta pesquisa, analisar o olhar e a narrativa de autoria feminina sobre outras pessoas e situação, buscando identificar a sensibilidade e o olhar feminino que é tão peculiar na literatura escrita por mulheres.

Sendo assim, com a presente proposta, almeja-se um resultado que traga contribuições para as diversas áreas do conhecimento e sirva como ferramenta de entendimento, discussões sobre a distopia por meio do estudo e pesquisa da literatura centro emergente feminina.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: Literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma narrativa única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: _____ (Org.). *Dialética da colonização*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. Breve consideração sobre a utopia e a distopia. In: *Filosofia e Cultura: Festschrift em homenagem a Scarlett Marton*. São Paulo: Barcarolla, 2012.
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa desconhecida*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- CUNHA, Helens et alii. *Desafiando o Cânone (2): ecos de vozes femininas na literatura brasileira século XIX*. Rio de Janeiro, 2001.

DALCASTAGNÈ, Regina. Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: _____. (Org.). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. Vinhedo: Horizonte, 2008.

DELCASTAGNÈ, Regina, LEAL, Virgíne Maria Vasconcelos (orgs.). *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.

DELCASTAGNÈ, Regina, LICARÃO, Berttoni, NAKAGOME, Patrícia (orgs.). *Literatura e resistência*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2018.

DELCASTAGNÈ, Regina, TENNINA, Lucía (orgs.). *Literatura e periferias*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019.

DELCASTAGNÈ, Regina, TOMAZ, Paulo C. (orgs.). *Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2011.

DELCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

FOUCAULT, Michel. Prefácio (Anti-Édipo). In: *Repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FRACCARO, Gláucia. *Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1971/1937)*. Rio de Janeiro: FVG Editora, 2018.

FROMM, Erich. Posfácio (1961). In: 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GONZALES, Lélia. *Por um feminismo Afro latino americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

HOOKS, Bell. *Teoria Feminista: da Margem ao Centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03art06.pdf>.

JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.

LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 3ª Ed. 2011.

NEVES, José Luis. *Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades*. São Paulo: FEA-USP, 2006.

RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Trad. Romulo Monte Alto. Belo horizonte: Editora UFMG, 2002.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. Editora Brasiliense – Série primeiros passos: São Paulo, 1988.

ROSSINI, Tayza Cristina Nogueira. *A construção do feminino na literatura: representando a diferença*. *Brasiliense*, v. 3, n. 1, p. 288–312, 2014.

SILVA, Tialva. *Entre o rio e a praça*. Cachoeira, BA: Cartoneiras de Iaiá, 2018.

SILVA, Tialva. *Migrantes*. Cachoeira, BA: Cartoneiras de Iaiá, 2019.

ZOLIN, Lúcia O. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. *Ipotesi*, Juiz de Fora. v. 13, n. 2, p. 105 -116, jul – dez 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19188>. Acesso em: 23 abr. 2021.